

Discussão de gênero e sexualidade no ambiente escolar: Um estudo de caso em uma escola Pública de Pernambuco- Brasil

Alicely Araújo Correia^{1,2}; Fabiana Oliveira dos Santos Gomes^{1,2}; Rita Patrícia Almeida de Oliveira^{1,2}

alicieliac@yahoo.com.br, gomes.bio@mail.com, ritapatricia.prof@mail.com

Faculdade Integrada de Pernambuco – FAIPE

Núcleo Interdisciplinar de Pós- Graduação da FAIPE - NUFA

Resumo

A escola é um ambiente propício para o exercício e aprendizado das interações sociais educativas. Neste contexto, a sexualidade deve ser vista como parte integrante da construção da identidade, ao contrário do que se tem deliberadamente divulgado, falar em uma educação que promova a igualdade de gênero não significa anular as diferenças percebidas entre as pessoas, mas garantir um espaço democrático, onde tais diferenças não se desdobram em desigualdades, hierarquias ou marginalizações. Diante dessa perspectiva, o presente estudo de caso problematiza a questão: sexualidade, gênero e educação enfatizando a importância de promover práticas educativas, palestras e oficinas, de maneira significativa e contextualizada, oportunizando aos escolares incorporar valores, desenvolver o senso crítico e construir saberes e deveres. O procedimento metodológico utilizado no estudo de caso, foi baseado na vivência escolar e dinâmica pedagógica a partir de práticas educativas aplicadas após a observação dos fatos ocorridos em espaços específicos da unidade de ensino. Como o êxito das atividades aplicadas, foi notória a mudança de atitudes dos escolares, frente à sexualidade tais como: respeito, envolvimento, amadurecimento e participação nas atividades desenvolvidas. Além disso, houve troca de experiências proporcionando escolas, elaboração de conceitos, valorização de sentimentos individuais e coletivos, através dos quais, os participantes, conseguiram avaliar seus limites e possibilidades de escolas relacionadas à construção de valores e da própria sexualidade.

Palavras-chave: Escola, Sexualidade, Práticas Educativas, Adolescente.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, pensar e meducação vai muito além de transmitir, assimilar e reproduzir o conhecimento, é reconhecer na educação uma forma de intervir em um novo horizonte epistemológico. Uma perspectiva de educação decolonial requer pensar sobre as relações entre educação, gênero, raça, diferenças culturais que se aproximam de uma perspectiva além das formulações teóricas eurocentradas. Neste estudo, vamos abordar a discussão de gênero e sexualidade no ambiente escolar para refletir sobre a temática abordada no campo da educação.

Com o passar dos anos, a sociedade vem sendo modificada quanto aos seus valores e mais do que nunca a sexualidade surge como um tema vigente, sendo extremamente necessária sua discussão dentro das instituições sociais, com igrejas e principalmente nas escolas, já que sobre esta recai a obrigação de preparar o indivíduo para seu convívio e sociedade. Nessa perspectiva, a sexualidade é parte integrante da construção da identidade.

Contudo, a sexualidade ainda é um tema muitas vezes rodeado de preconceitos, construídos ao longo da história pela própria sociedade, sendo visto como um tabu acaba não sendo discutido dentro da sala de aula pelos educadores, pois em virtude de seus pudores, vemos o sexo associado à ideia de pecado, proibido, promíscuo e feio ou temem que ao discutirem essa temática, estejam incentivando os alunos a praticarem o sexo mais cedo. No entanto, cabe ressaltar que sexo é diferente de sexualidade, pois segundo Figueiró (2006), sexualidade inclui sexo, afetividade, carinho, prazer além de normas e valores sobre o comportamento sexual, construídos culturalmente. Já o sexo se refere à prática, à satisfação dos desejos biológicos entre dois indivíduos, sejam eles hetero ou homossexuais.

De acordo com a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), do Ministério Público Federal, “A censura a assuntos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero nas escolas constitui grave obstáculo ao direito fundamental de acesso e permanência de crianças e adolescentes na escola, pois contribui para um ambiente hostil no qual as diferenças não são respeitadas, dificultando o aprendizado e o processo de socialização”.

O termo sexualidade surgiu no século XIX segundo Altmann (2001). A autora destaca que a utilização deste vocábulo “é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campo de conhecimentos diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas e instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas” (ALTMANN, 2001).

Segundo Foucault (1997, p. 32) a sexualidade pode ser definida:

“É o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estigmatização dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”.

Por todos esses motivos, ressalta-se a importância do debate sobre sexualidade no ambiente escolar. Uma vez que a sexualidade compreende aspectos históricos, culturais, biológicos e sociais ligados a emoção da pessoa. A sexualidade se dá em todos os momentos da vida, constitui-se através dos atos e da forma com que a pessoa se relaciona com os demais, o que torna cada pessoa única.

Destacamos que os currículos universalizam conhecimentos por meio das escolas e que ensinam modos que informam a constituição de homens e mulheres, acreditamos que seja de suma

importante problematizá-los. Eles podem nos dá pistas aos questionamentos feitos às violências machistas, homofóbicas e misóginas contra os sujeitos que dissitem e em alguma medida, dos padrões dominantes de gênero e sexualidade. O domínio da heteronormatividade¹, ainda que problematizado e fragilizado, como sinaliza Caetano (2011), estão presente na escola e busca opri-los, desconsiderar as múltiplas performances de gênero.

A todo o momento, pais e professores são afrontados por muitos desafios. Dentre todos estes desafios, as questões relacionadas à vivência da sexualidade na infância e na adolescência têm recebido destaque. Na família, os diálogos relacionados à sexualidade ainda são pouco frequente ou em muitos casos inexistente. Na escola, os debates na maioria das vezes, ocorre de maneira tímida com enfoque nos aspectos biológicos e reprodutivos. Gra-se desta maneira, uma lacuna no desenvolvimento do adolescente como ser em construção. Segundo Rossi ni (2005, p. 17-18):

“Quando recebemos uma criança à porta de nossa sala de aula, além da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciaram assimilada ou não, bem elaborada ou não. Hoje com os meios e comunicação em massa, nem as crianças são poupadas dos problemas comuns de nosso tempo. Acompanha mtudo e têm suas próprias impressões sobre o mundo de hoje. Ao ligar a televisão tere mos dela um perfil em algumas rápidas notícias: a sexualidade que exclui a afetividade e provoca nas pessoas medo da relação afetiva - temos hoje pessoas superficiais e seus relacionamentos, com medo de perder e não saber lidar com a perda; e as pessoas deixaram de ser afetivas. Economiza carinho, atenção, amor”.

A escola constitui-se em um ambiente especial para o desenvolvimento de ações, que possibilitem a melhora da autoestima e valorização pessoal entre os adolescentes. Dentro desta perspectiva, busca-se compartilhar com a família a responsabilidade de promover o respeito mútuo, preparando-os para uma vida em sociedade com maior tolerância as diversidades.

Segundo Del Prette e Del Prette (2004, p. 54):

“A educação é uma prática eminentemente social que amplia a inserção do indivíduo no mundo dos processos e dos produtos culturais da civilização. A escola é um espaço privilegiado, onde se dá um conjunto de interações

¹ Sobre a heteronormatividade, Caetano (2011), ao dialogar com Butler (2003), argumenta que a categoria foi constituída para problematizar e, mais importante, desinvisibilizar as regras socioculturais que se tornam normativas por meio das instâncias educativas com vistas a produzir e regular as performances de gênero. Tais performances, de tantas vezes repetidas, têm na m por se naturalizar. O autor afirma que a heteronormatividade não somente torna naturais, e, portanto, aceitáveis e corretas determinadas performances de gênero, como também busca tornar inquestionável a assimetria e complementariedade entre homens e mulheres alicerçando a autoridade patriarcal.

sociais que se pretende educativas. Logo a qualidade das interações sociais presentes na educação escolar constitui um componente importante na consecução de seus objetivos e no aperfeiçoamento do processo educacional”.

A sexualidade é responsável por efeitos drásticos que recai sobre a vida social, como o aumento da fecundidade e a qualidade de vida da população. Os governos são os principais interessados na discussão do tema com a sociedade, já que quando se tem indivíduos conscientes quanto as suas responsabilidades sociais e pessoais tem-se um efeito positivo na vida dos cidadãos.

A importância é tanto que a temática da sexualidade foi inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998). Ela aparece no tema transversal Orientação Sexual, publicado no ano de 1998, com o objetivo de transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.

Nos PCNs, a sexualidade é definida como “polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais (ainda que estes possam ser privilegiados na sexualidade adulta) porque qualquer região do corpo é suscetível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital” (CHAUI, 1998, COSTA, 1994 apud NOVENA, 2011).

Os objetivos e conteúdos propostos pelo tema transversal Orientação Sexual devem contemplar as diversas áreas de conhecimento, impregnando toda a prática educativa, em que cada área trará sua própria proposta de trabalho com a temática da sexualidade. Esse trabalho de orientação sexual deverá acontecer dentro da programação e extraprogramação na escola, visando diálogo, reflexão e reconstrução de informações que leve o aluno a respeitar a si mesmo e ao outro, conseguindo transformar ou reafirmar suas próprias concepções de sexualidade.

O tema transversal Orientação Sexual é estruturado a partir de três eixos, sendo eles: Corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/ Aids.

No primeiro eixo, o corpo é tratado em sua estrutura biológica e procriativa. Já o eixo das relações de gênero busca ampliar a explicação da diferenciação entre os sexos, refletindo acerca das noções de masculino e feminino, acrescentando que são construídas no contexto sociocultural. E o terceiro eixo que trata sobre a prevenção das ISTs/ Aids, propõe uma ação educativa continuada que permita esclarecer os preconceitos relacionados aos portadores do HIV e os doentes de Aids, como

também a reflexão sobre os preconceitos que rondam os métodos contraceptivos e à prática do sexo protegido.

Nessa visão, os PCNs surgiram como proposta orientadora para a escola, buscando oferecer subsídios teóricos para o trabalho com um tema tão delicado como a sexualidade, que apesar de está presente na vida do ser humano, é por muitas vezes negada ou silenciada no ambiente escolar, que não discute as indagações dos jovens acerca das transformações físicas e psicológicas que afetam o seu corpo e com isso, acaba atingindo de maneira negativa a construção da subjetividade e sexualidade dos mesmos.

Desse modo, as reflexões sobre esses temas contribuem para a valorização da vida e do autoconhecimento, estabelecendo relações através do respeito mútuo e posturas que possibilitem o exercício da cidadania. Assim a sexualidade passa a ser um tema de reflexão sobre a cidadania e dos aspectos que envolvem a valorização da afetividade humana.

Diante dessa realidade, o presente problematiza a questão da temática da sexualidade dentro do ambiente escolar, aplicando práticas educativas, como palestras e oficinas, acerca da sexualidade de maneira significativa e contextualizada, oportunizando aos escolares a incorporar valores, refletir e construir significados sobre a sexualidade.

METODOLOGIA

Fundamentada na pesquisa qualitativa (estudo de caso), foi utilizada uma metodologia que possibilitasse o entendimento dos significados de falas e ações, apreendidos pelas pesquisadoras por ocasião da interação com os sujeitos pesquisados. A pesquisa foi norteada pela vivência escolar e dinâmica pedagógica, após a observação dos fatos nas dependências da unidade de ensino.

A coleta dos dados contou com a realização de entrevistas semi-estruturada (BOGDAN e BIKLEN, 2010). A análise de dados foi realizada por meio da análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram obtidos a partir da interação com os sujeitos pesquisados e apreensão das vozes desses sujeitos, nas dependências de uma escola de ensino fundamental anos finais. A unidade dispõe de ambiente agradável e descontraído, possibilitando aos alunos a troca de conhecimento, debates acerca de dilemas da atualidade e a construção de uma nova ética de modo a incluir, efetivamente os grupos historicamente excluídos.

Tratar de sexualidade no ambiente escolar não é uma tarefa das mais fáceis, pois a opulência desta esfera humana e toda a estratificação de sentidos que historicamente se sobrepôs a ela terminaram produzindo certo desconhecimento do ser humano com sua própria sexualidade. É necessário fazer uma retórica da sexualidade, vê-la com outros olhos, “quebrar tabus”. Constantemente a sexualidade se depara submersa e num espectro de valores morais, de marcados e de marcadores de condutas, usos e hábitos sociais.

Na ânsia de conhecer o próprio corpo, muitos jovens acabam “banalizando” a sexualidade. E porque essas questões são tão difíceis de serem tratadas em sala de aula? Por que é mais fácil tirar dúvidas com colegas e professores do que com os pais? Pois bem, esses questionamentos geram consequências que poderiam ser rotulados como problemas persistentes e emergentes, que vão desde a gravidez indesejada a doenças sexualmente transmissíveis.

Como citado anteriormente, apesar desta unidade de ensino dispor de ambiente agradável e descontraído, que possibilita aos alunos a troca de conhecimento e debates, é notório que alguns não se sentem à vontade para expor suas dúvidas e obter mais informações, desejando ousar e descobrir-se uns com os outros. Assim percebe-se nas moros e paqueras que acontecem nas dependências da unidade, nas longe das vistas de responsáveis legais e funcionários, relacionamentos tão íntimos que conduzem a práticas sexuais no ambiente escolar.

Diante dessa perspectiva, visto que outras pessoas estavam sentindo-se constrangidas com tal situação, após reuniões e discussões percebeu-se a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas, que sejam trabalhadas pelos docentes de modo interdisciplinar, e que tenham como enfoque principal a temática da sexualidade.

Segunda-Feira (2009), os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que a orientação sexual seja trabalhada de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, quando surgirem questões relacionadas ao tema, que é o estudo de caso. A autora ainda ressalta que essa foi uma estratégia adotada para demarcar a função da escola, sem deixar de priorizar a educação realizada pela família.

A importância de tratar esse assunto entre os escolares, formados por pré-adolescentes, adolescentes e jovens, é fundamental. Então se iniciou um processo de trabalho com práticas educativas, através de discussões abertas por meio das quais todos pudessem se expressar. Britzman

(1999) salienta que essas conversas sobre sexualidade se tornarão possíveis na escola quando os professores se tornarem curiosos sobre sua própria sexualidade.

Associada a essas discussões foram realizadas palestras sobre educação sexual, oficinas e jogos dinâmicos, dentro da temática sexualidade, para despertar reflexões acerca da importância da sexualidade. Os docentes começaram a orientar seus alunos sobre proteção higienista e preventiva, ensinando-os alguns métodos contraceptivos e discutindo também as multifórmicas manifestações da sexualidade humana, como a homossexual. Uma vez que, se não for sanada as dúvidas e quando não recebe tal orientação os jovens acabam buscando com pessoas despreparadas no assunto.

A simples transmissão de informação não consegue oferecer ao jovem mudança de atitudes, é preciso oferecer espaços onde o adolescente possa interagir com outras emoções e construir valores.

Autoras como Walsh (2005) destaca possíveis caminhos para a efetivação de práticas pautadas na interculturalidade crítica, situados em três âmbitos educativos: no espaço da sala de aula, na formação de professores(as) e na construção de materiais pedagógicos. Neste artigo, é interessante refletir sobre o espaço da sala de aula como eixo temático dentro das áreas e das unidades do currículo básico, incorporando a interculturalidade e em seu significado mais amplo, criando possibilidades em relação a diferentes conhecimentos, saberes, pensamentos e práticas sociais dos diversos grupos acerca das diferentes facetas assumidas pelas identidades e reivindicadas pelos(as) estudantes. A questão de gênero e as sexualidades, ainda são debatidas com restrição na sala de aula, mesmo com o reconhecimento de que muitas políticas educacionais já tratam a questão como um ponto importante a ser abordado no currículo. Segundo Maita Lopes (2008, p. 126):

Na sala de aula, entram corpos que não têm desejo, que não pensam em sexo ou que são, especialmente, dessexualizados para adentrar esse recinto, como se corpo e mente existissem isoladamente um do outro ou como se os significados, constitutivos do que somos, aprendemos ou sabemos, existissem separados dos nossos desejos. Para o autor, os livros didáticos e as propostas curriculares operam na lógica de naturalizar os matizes de gênero, de raça e de sexualidade, codificando suas dimensões subjetivas e culturais a partir de referenciais hegemônicos do Sujeito (pretensamente) Universal: masculino, branco, proprietário, judaico-cristão e heterossexual (MAITA LOPES, 2008).

A escola continua a produzir e reproduzir continuamente, identidades sociais a partir de ideais de branquitude, de masculinidades e de heteronormatividade.

Nessa perspectiva, todo esse trabalho desenvolvido, proporcionou um espaço que possibilita ao adolescente, discutir ideias e vivenciar sentimentos, que promova a valorização, o respeito a ele mesmo e ao outro, a melhoria da auto-estima, oferecendo opções que os produzam melhorias e/ou mudanças em relação à sexualidade, gênero, identidade e outras questões igualmente importantes a formação do jovem.

CONCLUSÕES

Por considerar a sexualidade como um processo em constante evolução e transformação, concluiu-se que, as mudanças ocorridas com os escolares após a realização das práticas educativas não podem ser quantificadas, mas sim avaliadas através de mudança de atitudes frente à sexualidade tais como: respeito, envolvimento, amadurecimento e participação nas atividades desenvolvidas.

Houve troca de experiências proporcionando escolas, elaboração de conceitos, valorização de sentimentos individuais e coletivos, através dos quais, os participantes, conseguiram avaliar seus limites e possibilidades de escolas relacionadas à construção de valores e da própria sexualidade.

Proporcionar um espaço de construção coletiva para os possíveis encaminhamentos e soluções, possibilita ao jovem discutir a própria sexualidade, oferece a oportunidade de desenvolver e rever atitudes, juízo de valores e problematizar sobre assuntos, tais como: conceito de beleza, a aceitação ao próprio corpo, a gravidez na adolescência, as ISTs e AIDS, conduzindo-o a mudanças em relação à sexualidade.

É de fundamental importância conceber a escola como espaço de disputa, de questionamento e de subversão de padrões responsáveis pela manutenção e pela reprodução de concepções homogeneizantes e/ou desumanizantes. Em outras palavras, decolonizar a educação, vislumbrando além dos processos de ensino e de transmissão de saber, uma pedagogia concebida como política cultural, envolvendo não apenas os espaços educativos formais, mas também as organizações dos movimentos sociais. Tendo essas questões em pauta, pode-se ampliar a diferença como vantagem pedagógica no currículo e nas práticas escolares e enquanto um importante passo na construção de uma escola mais plural e que possa ser capaz de combater os preconceitos e às discriminações e fortalecer a auto-estima dos estudantes e o respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Rev. Est. Fem**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001, p. 575-585.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2009.
- BOGDAN, R., KLEN, S. 2010. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora.
- BRI TZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURQ, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CANAU, V. M. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: Letras, 2009a. p. 12-42.
- _____. Interculturalidad y (de)coloni alidad: perspectivas críticas Y políticas. Conferência Inaugural. Congresso ARIÇ 12, Florianópolis, 2009b. Anais... Florianópolis, 2009b.
- _____. Interculturalidad, pluri nacionalidad y decoloni alidad: las insurgencias político epistémicas de refundar el estado. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 131-152, jul./dic. 2008.
- _____. *La interculturalidad en la Educación*. Lima: Ministerio de Educación, 2005.
- _____. *Introducción - (Re) pensamiento crítico y (de) coloni alidad*. In: WALSH, Catherine. (Orgs.). *Pensamiento crítico y matriz (de)coloni al*. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abyayala, 2005, p. 13-35.
- DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicología das relações interpessoais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- FILHA, C. X. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, P. R. C. et al. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. 12. ed. RJ: Graal, 1997.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Gênci a & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Gênci a & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- ROSSI N, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decoloni al: in-surgir, re-existir e re-vider. In: